FÁBIO YABU

Princesas do Mar

PANDA BOOKS

FÁBIO YABU

2ª impressão

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

O mundo de Salácia 7
1. Polvina e Estér 10
2. A caminho da escola 16
3. Susto na escola 19
4. No Reino dos Tubarões 24
5. O primeiro dia 28
6. A professora Márcia 35
7. O grande segredo 39
8. Confusão no recreio 46
9. Os faróis de bolhas 50
10. O plano de Estér 53
11. Sr. Dênis 59
12. O ataque dos tubarões 64
13. De volta ao reino 69
O autor 77

O MUNDO DE
SAINT SEIYA

Tem muitas coisas que as pessoas não sabem.

O universo é povoado por criaturas mágicas e fantásticas, nas quais nem todos acreditam e só alguns podem ver. São mundos inteiros que cabem na palma da mão, mas que são tão grandes quanto a nossa imaginação.

Essa é a história sobre um desses mundos, que está debaixo do nosso nariz e, mesmo assim, ninguém sabe onde fica... mas eu sei que, em algum lugar, ele existe.

Certamente você já ouviu falar nele, ou mesmo tocou com os pés enquanto passeava na praia ou mergulhou em suas ondas frias numa quente manhã de verão.

Conhecemos esse mundo como o Oceano, mas, para seus habitantes, os salinos, ele tem outro nome: ele é o Mundo de Salácia.

Os salinos são muito parecidos com as pessoas que vivem na superfície, lugar por eles chamado Terra Firme. A diferença é que eles têm a capacidade de respirar e viver debaixo d'água, onde realizam muitas atividades parecidas com as do povo de Terra Firme, como trabalhar, se divertir e namorar. Os salinos vivem em perfeita harmonia com as milhares de espécies de animais marinhos que compartilham com eles o Mundo de Salácia.

Salácia é uma deusa bondosa e sábia, a soberana das águas. Durante muitos anos, seu mundo foi um lugar de beleza e harmonia. Porém, o tempo passou e as coisas começaram a mudar.

Veio o desequilíbrio. Espécies inteiras de peixes foram extintas e o perigo ameaçava outras. Para tentar resolver o problema, Salácia dividiu seu mundo em diversos reinos. Surgiram, então, os reinos dos Polvos, das Estrelas-do-Mar, dos Tubarões e assim por diante. Cada um passou a ser governado por um casal bondoso de salinos, escolhido por Salácia, cuja missão era cuidar das milhares de espécies de seu mundo. Todos deveriam seguir as Leis de Salácia, criadas para manter a ordem e a paz nos reinos.

O tempo passou e muitos casais foram abençoados com a chegada de lindas crianças. Os Príncipes e Princesas do Mar usam em suas cabeças coroas e adornos que representam os reinos que um dia governarão.

Mas essa missão não é nada fácil! Para ajudá-los a aprender sobre o Mundo de Salácia, existe uma escola especial, que ensina às crianças lições sobre a vida marinha, o equilíbrio entre as espécies e um importante segredo, que só lhes é revelado quando entram na primeira série.

Essa é a história de como três pequenas princesas embarcaram numa grande aventura pelo Mundo de Salácia!

Como tudo aconteceu? Você vai saber agora!

1. POLVINA E ESTÉR

– Bom dia, Princesa Polvina! – cumprimentou o gentil mordomo real, Aldo.

Polvina fez que não ouviu o mordomo e continuou na cama, com os olhos fechados, naquela manhã de segunda-feira. Aldo, que conhecia Polvina desde que ela havia nascido, começou a abrir as janelas para que a luz entrasse.

– Vamos logo, seu pai tem pressa! Ele quer vê-la antes de sair para o trabalho! – apressou Aldo, puxando as cobertas de Polvina.

– Uaaaá! – bocejou Polvina. – Tá bom, tá bom, Aldo.

Polvina era uma menina comum. Tirando o fato de que vivia no fundo do mar, ela era como qualquer garota: gostava de brincar, assistir às novelas, desenhar e pintar. E não gostava nem um pouco de acordar cedo.

Em sua cabeça, ela usava uma simpática coroa em forma de um polvinho. Seus tentáculos vermelhos se confundiam com seus cabelos, dando a Polvina um visual curioso. Aliás, seu quarto, e todo o palácio dos polvos era assim: a decoração e os objetos sempre lembravam em alguma coisa esses simpáticos moluscos. Polvos eram estampados em toalhas, tapetes e cortinas. Os pés das camas e cadeiras eram em forma de tentáculos. O lustre, então, era um luxo só: um enorme polvo de cristal iluminava o salão principal, com uma lâmpada presa na ponta de cada um de seus oito tentáculos.

Polvina era filha da Rainha e do Rei Polvo, que governavam todo o reino dos polvos, buscando atender às necessidades de seus súditos e viver em equilíbrio com as demais espécies. Naquele dia, apenas o rei se encontrava no palácio, pois a rainha estava visitando um outro reino distante. Engana-se quem pensa que a vida real é feita apenas de luxos: os reis e rainhas trabalham arduamente, noite e dia, para que todos em seu reino sejam felizes. Polvina sabia disso e admirava muito seus pais. Seu maior desejo era se tornar uma grande governante, assim como eles.

A Princesa dos Polvos se levantou e caminhou agarrada ao travesseiro em direção ao banheiro. Ela escovou os dentes, lavou o rosto e foi para a sala de jantar.

O Rei Polvo estava lá, sentado à mesa, aguardando sua filha.

– Bom dia, filhota! Pronta para o seu primeiro dia de aula na Escola do Mar? – perguntou o rei, todo sorridente.

Polvina então repetiu a mesma pergunta que vinha fazendo havia semanas:

– Papai... eu preciso mesmo ir?

– Claro que precisa, minha filha! Você não quer ser uma boa Princesa do Mar? – dizia o rei, passando geléia numa torrada.

– Eu quero ser uma boa princesa, papai... mas é que eu...

– Nada de reclamações, Polvina. Nós já conversamos sobre isso. Agora, coma, preparei essas torradas do jeito que você gosta.

– Mas pai...

O rei apenas sorriu. Era um homem gentil, que amava sua filha. Ele também era conhecido pela sua coragem. Certa vez, ele arriscou a própria vida para salvar Polvina de um ataque de tubarões famintos! Felizmente, ninguém se feriu, mas ela passou a ter muito medo de sair de seu palácio, principalmente por causa dos tubarões que de vez em quando apareciam pela região. Polvina se tornou uma menina tímida e fechada, passando tardes inteiras trancada no quarto, desenhando, pintando ou assistindo TV, o que deixava seus pais muito preocupados.

– Polvina... o seu caminho está apenas começando. Um dia você será a rainha, mas há muito o que fazer e aprender sobre os peixes, os animais marinhos e o reino. E não há outra maneira de aprender isso senão indo para a Escola do Mar e conhecendo melhor o mundo em que você vive. Eu tenho certeza de que você vai gostar de lá. Além do mais, sua amiga Estér vai com você. Por isso não precisa ter medo, certo?

Por mais que as palavras do rei fossem confortadoras, aquele medo teimava em não desgrudar de Polvina. Mas o que ela menos queria no mundo era desapontar seus pais, que tanto a amavam:

– Certo, papai... eu vou para a escola...

Então, Aldo anunciou:

– Majestade, a carruagem real está pronta.

Polvina ficou feliz:

– Bom, pelo menos, eu vou na carruagem real, eu adoro andar nela!

– Ela não é para você, filha. O papai tem uma reunião, você vai junto com a Estér, na carruagem das estrelas-do-mar – disse o Rei Polvo, com uma pontinha de pena na voz. – Ela e seu pai já estão vindo buscar você, portanto, vá se arrumar.

– Aaahhh! – Polvina ficou decepcionada. Ela adorava passear de carruagem com sua família.

– E onde é a sua reunião, papai? – perguntou, curiosa.

– É lá no Reino dos Tubarões.

– TUBARÕES??? – Polvina se assustou.

– É, tubarões. Eu e o Rei Tubarão temos que resolver algumas questões. Nos vemos mais tarde!

O rei tentou tranqüilizar Polvina com um beijo no rosto e um abraço bem apertado. Mas ele sabia que isso não adiantaria muito. Polvina ficou aflita, por saber que seu pai iria até um lugar tão perigoso quanto o Reino dos Tubarões.

– Papai... tome cuidado!

– Claro, filha! E quanto a você, tenha uma ótima aula! – disse o Rei Polvo, deixando o palácio em direção à carruagem.

Após a saída do rei, Polvina ficou apreensiva, andando pra lá e pra cá, tão rápido, que pequenos redemoinhos de água se formavam no chão. Aldo tentou tranqüilizá-la, mas não havia muito o que fazer: Polvina morria de medo de tubarões e tinha bons motivos para isso! Foi então que outra princesa chegou ao salão real, correndo feito uma louca em direção à amiga:

– Bom dia, "prima"! – disse Estér, já se jogando por cima de Polvina e levando-a ao chão.

Estér era a Princesa das Estrelas-do-Mar e a melhor amiga de Polvina. Seus cabelos eram curtos e castanhos. Em sua cabeça, usava um chapéu amarelo em forma de estrela-do-mar, que na verdade era a coroa representando seu reino.

Elas brincavam juntas desde bebês e Estér a chamava carinhosamente de "prima", apesar de as duas não terem nenhum parentesco.

– Oi, Estér... tudo bem? – disse Polvina, com a voz meio triste.

– Xi, o que foi, prima? Que cara é essa?

– É o papai, Estér. Ele foi até o Reino dos Tubarões.

– Xiii... menina, você não sabe o que eu li outro dia na revista *Escamas!* – disse Estér, que provavelmente era a menina mais bem-informada e curiosa do Mundo de Salácia. – Parece que os tubarões estão causando um monte de problemas para os outros peixes... incluindo os polvos. Aliás, polvo é peixe?

– Não, ué! – disse Polvina. – É molusco. E Estrela-do-Mar, é o quê?

– É equi... equino... equinodermo! Esses nomes são esquisitos, não é? Mas então, menina, o que o seu pai foi fazer lá?

– Ai, Estér... eu não sei! Eu estou preocupada com ele...

– Que nada, prima! Você não lembra a surra que ele deu naqueles tubarões? Eles voltaram rapidinho pro reino deles! Não se preocupe, seu pai sabe se cuidar muito bem!

Então, Aldo chamou as duas:

– Meninas, está na hora de irem para a escola. O Rei das Estrelas-do-Mar está esperando na carruagem.

Polvina, a contragosto, pegou sua mochila, sua lancheira e acompanhou Estér. As duas estavam bem ansiosas quanto ao primeiro dia de aula. Quem estaria na classe delas? Será que as outras princesas seriam suas amigas... ou não?

2. A caminho da escola

Dentro da carruagem, as duas princesas foram conversando sobre a escola que teriam de freqüentar. Polvina não estava nem um pouco animada com isso. Ela sempre foi muito esperta, como os polvos de seu reino, considerados os animais aquáticos mais inteligentes que existem! Por isso, ela achava que não precisava ir para a escola.

Já Estér estava ansiosíssima: ela adorava fazer amizades, descobrir coisas novas e aprender.

– Então, prima! Não é chique a gente ter uma escola só para princesas e príncipes? Ai, ai, dizem que lá é superbonito, que tem um jardim de corais maravilhoso e que a comida é uma delícia!

Polvina não se animou muito:

– Ah, é? – disse, distante, olhando pela janela.

– Ai, Polvina, você tem que se animar mais! Olha só, eu também fiquei sabendo que a Professora Márcia é excelente e foi indicada para dar aulas para nós pela própria Salácia!

– Uau! Se foi Salácia que indicou... só espero que ela não seja muito brava... – disse Polvina, olhando fixamente para o lado de fora da janela.

O caminho para a escola era belíssimo, repleto de corais multicoloridos que pareciam uma bela pintura no fundo do mar. Mesmo para as duas pequenas princesas, acostumadas às belezas do Mundo de Salácia, era fascinante ver os enormes cardumes de sardinhas passando velozmente, aglomerados como se fossem um só peixe. Igualmente belos, eram os pequenos grupos de peixinhos coloridos, como os borboletas-amarelos, uma espécie calma que leva a vida numa boa, no meio dos corais.

De repente, tudo escureceu, como se alguém tivesse apagado as luzes. Em instantes, a claridade voltou e, ao olharem para a janela de trás, as meninas descobriram o motivo da escuridão repentina: uma enorme arraia-jamanta acabava de passar por cima da carruagem, nadando livremente e desaparecendo no horizonte co-

mo se fosse um sonho quando a gente acaba de acordar...

Tamanha beleza é capaz de deixar qualquer um animado, até mesmo nossa tímida amiga Polvina:

– Estér... um dia, eu quero ser uma grande rainha, bondosa que nem a mamãe e corajosa que nem o papai. Eu vou governar tudo isso que a gente está vendo agora e vou fazer todos felizes. Não é?

– É claro, prima! Mas pra isso você vai precisar arrumar um namorado, hihihi! Não esqueça de que toda rainha precisa de um rei! E eu ouvi dizer que na nossa classe está o Mauriço, Príncipe dos Ouriços, que é uma gracinha...

– Ai, Estér, como você é boba! – riu Polvina. – Ei, olha lá! É o Sr. Molusco!

Elas olharam pela janela, onde um enorme polvo repousava na areia. Polvina acenou pra ele:

– Oi, Sr. Molusco! Tudo bem?

O Sr. Molusco era um velho conhecido da família Polvo, que sempre brincava com Polvina. Ele retribuiu o gesto fazendo com que seu corpo brilhasse com luzes cor-de-rosa, sua cor favorita.

– Obrigada, Sr. Molusco! Vou ficar esperando! – gritou Polvina, enquanto a carruagem se afastava.

– O que ele falou, Polvina? – perguntou Estér, que não entendia a língua dos polvos, só das estrelas-do-mar.

– Ele falou que vai passar lá no palácio pra brincar de esconde-esconde comigo! Hahaha, mas ele sempre ganha, porque consegue se esconder em qualquer buraquinho! – riu Polvina.

Então, a carruagem diminuiu de velocidade e o pai de Estér anunciou:

– Meninas, chegamos!

Enfim, a espera terminava! Polvina sentiu um friozinho na barriga enquanto os olhos de Estér brilhavam.

3. SUSTO na ESCOLA

Diante da escola, Polvina viu que ela não era tudo o que Estér havia dito no caminho: era muito mais!

Era um prédio lindo, todo arredondado, não muito grande, cercado por corais e esponjas-do-mar que formavam um belíssimo jardim. O chão era forrado por conchas e pedrinhas coloridas. Sua beleza só podia ser comparada à dos palácios reais, espalhados por todo o Mundo de Salácia.

Os alunos e as alunas estavam chegando em suas belas carruagens, todas na forma de animais marinhos, e que começavam a tumultuar a frente da escola.

Nos arredores, circulavam centenas de peixes, nadando respeitosamente mas, ao mesmo tempo, quase alheios a todas as crianças que estavam a poucos metros deles, chegando para o primeiro dia de aula. Um ou outro parava e cumprimentava gentilmente os estudantes, como um peixe-espada que se curvou para Marli, a Princesa dos Peixes-Espada.

– Obrigada, Sr. Lin! – respondeu Marli, agradecida pelos votos de boas aulas.

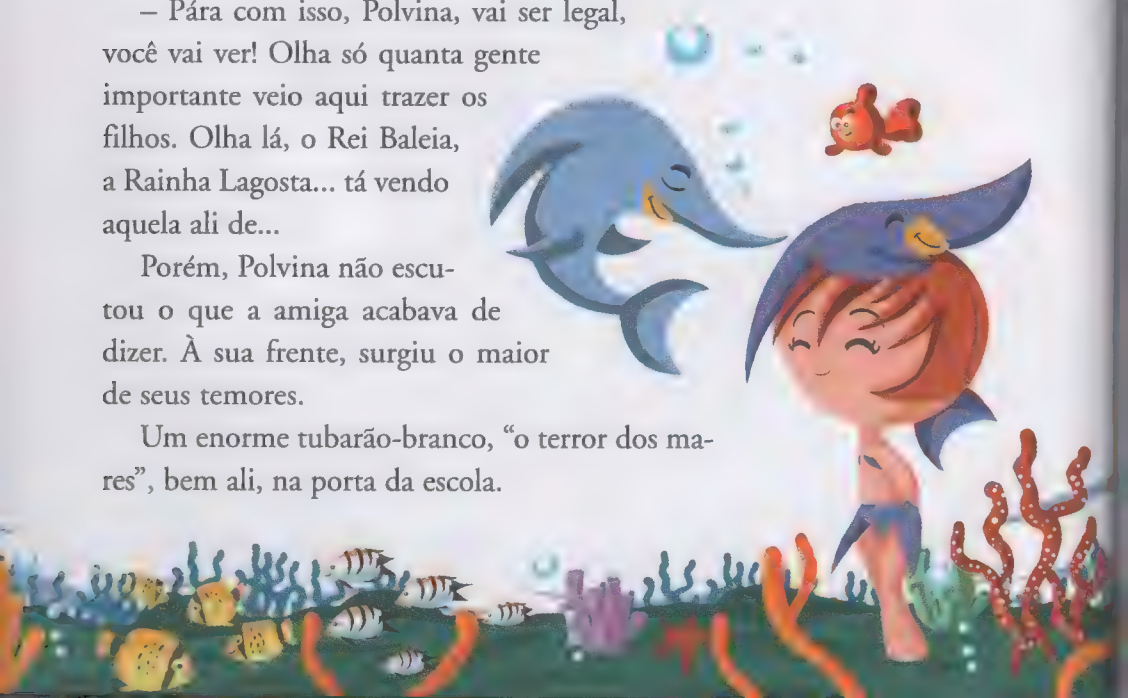
Por todos os lados, vinham princesas, príncipes, reis e rainhas, além de peixes de diversos reinos. Estér e Polvina estavam meio perdidas no meio de tanta gente:

– Ai, Estér... e agora? Não tenho coragem de entrar aí. Eu quero a minha mãe... – choramingou Polvina.

– Pára com isso, Polvina, vai ser legal, você vai ver! Olha só quanta gente importante veio aqui trazer os filhos. Olha lá, o Rei Baleia, a Rainha Lagosta... tá vendo aquela ali de...

Porém, Polvina não escutou o que a amiga acabava de dizer. À sua frente, surgiu o maior de seus temores.

Um enorme tubarão-branco, "o terror dos mares", bem ali, na porta da escola.



Mesmo estando no fundo do mar, Polvina engoliu seco. O medo tomava conta de seu corpo e ela ficou imóvel, enquanto Estér continuava tagarelando:

– ... Então, Polvina, tá vendo aquela ali? É a Camarina, Princesa dos Camarões. Puxa, ela é bonita! Você sabia que os camarões têm o coração na cabeça e...

– Tu... tu... tu... – gaguejou Polvina.

– Tutu de ostra? Não, obrigada, é muito indigesto para comer agora, não acha? – respondeu Estér, sem nem imaginar o que estava se passando às suas costas.

– TUBARÃO! – gritou Polvina.

Estér se assustou mais com o grito da amiga do que com o bichão à frente das duas. Bem, isso no começo, porque quando ele abriu a boca...

– AAAAHHHH!! – gritaram as duas, se abraçando de tanto medo. Os outros alunos viram o que estava acontecendo e também se assustaram, aí começou o maior corre-corre na frente da escola.

– Tubarão! Tubarão! Socorro! – gritavam todos, principalmente as meninas, correndo para lá e para cá.

A boca do bicho continuou se abrindo, revelando seus dentes afiadíssimos! As meninas começaram um berreiro, apavoradas... até que viram que lá dentro daquela enorme boca...

Havia uma menina, e não era só isso... dentro da boca do tubarão, tinha um pequeno sofazinho, uma TV e até um... motorista?

– Eu não quero ir, não quero! – resmungava a menina.

– Pare com isso, filha! Não adianta fazer bico, você vai pra escola, sim! – dizia uma senhora com roupas parecidas com a da pequena birrenta: na cabeça, uma espécie de touca representando a cabeça de um tubarão, e no corpo, roupas de couro azul. – Agora, pare de resmungar, pegue sua mochila e vá para a aula. Eu volto para buscar você mais tarde.

Vendo que sua mãe já estava bem irritada, a garota resolveu sair sem se despedir.

– Não vai dizer nada, não, mocinha? – perguntou a mãe, em tom reprovador.

A menina virou para trás com cara de brava e disse:

– TCHAU!

– Essa menina... – disse a mãe, enquanto se preparava para partir.

Polvina, morrendo de vergonha do papelão que acabara de fazer, e ainda abraçada a Estér, perguntou baixinho:

– Ué? Quem é essa? Nervosinha ela, hein?

– Ah... agora entendi tudo – respondeu Estér. – Eu ouvi falar dela: veja sua cabeça, é Tubarina, a Princesa dos Tubarões! E aquela deve ser a carruagem real da sua família, não um tubarão de verdade!

Tubarina se aproximou e olhou para as duas meninas com olhos frios como os dos tubarões:

– Me respondam uma coisa, vocês têm algum problema? Posso saber por que ficaram bloqueando o caminho da minha carruagem, gritando feito

umas loucas? – perguntou a princesa, irritada. – Além de pegar trânsito pra chegar aqui, ainda tenho que ficar aturando essas coisas, veja só!

Estér e Polvina não sabiam o que dizer. Estér era muito pacífica e tentou acalmar a situação:

– Nos desculpe, nós pensamos que fosse um tubarão de verdade, por isso nos assustamos. Nós não queríamos...

– Ah, é? – respondeu Tubarina, mais irritada ainda. – Então é assim? Vocês vêem um tubarão, começam a gritar e a chorar, achando que ele vai devorá-las, meninas indefesas? Pois saibam que a maioria dos tubarões é muito pacífica!

Polvina nunca foi de briga, mas também não levava desaforos para casa. Ela não gostou da atitude de Tubarina e não deixou por menos:

– Pode até ser verdade, mas os tubarões que ME atacaram não eram nada amigáveis, tá?

– No mínimo, você os provocou ou eles acharam que você era comida! Eles não têm culpa. Por causa de uns e outros, como vocês, os tubarões têm fama de vilões, mas eu vou dizer uma coisa: eles são muito melhores que muito peixe esquisito por aí! – e apontou para a coroa de Polvina.

Estér defendeu a amiga:

– Polvo não é peixe, é molusco. E você...

Polvina então intercedeu:

– Deixa pra lá, Estér. Vamos indo, estão pedindo pra gente entrar...

Aquele primeiro dia de aula realmente não havia começado nada bem.

4. No Reino dos Tubarões

Enquanto isso, longe da escola, o pai de Polvina chegava para uma reunião no Reino dos Tubarões. Como todos os outros reinos, ele tinha um grande palácio em seu centro. Em volta dele, dezenas de tubarões nadavam em círculos.

A cena intimidaria qualquer um: vários tubarões começaram a rodear a carruagem dos polvos, onde o rei se encontrava. Calmamente, ele abriu a porta e saiu, caminhando por entre as feras, que o olhavam com certa desconfiança. Ele não deixou por menos e os encarou corajosamente.

O que o Rei Polvo sabia é que tubarões nunca atacam sem motivo. Às vezes eles podem estar famintos, assustados com alguma coisa ou então confundir sua presa com um peixe. O fato é que eles até podem ser assustadores, mas os tubarões são, em sua maioria, calmos e dóceis.

Ele se aproximou da entrada do palácio, onde foi recebido pessoalmente pelo Rei Tubarão.

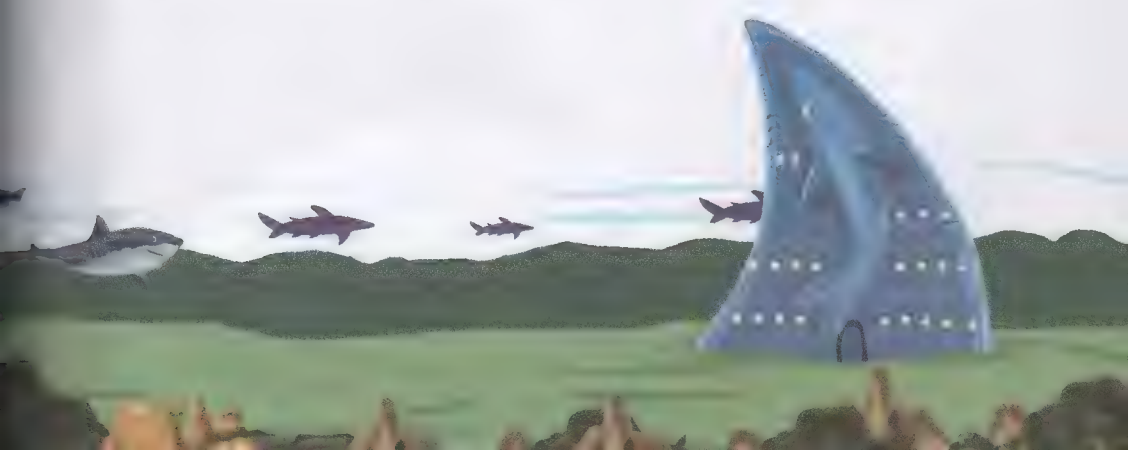
– Bom dia, Rei Tubarão – cumprimentou o Rei Polvo, sério.

– Bom dia, amigo Rei Polvo. A que devo a visita? – perguntou, não muito receptivo.

– Você sabe por que vim aqui. Seus servos estão causando problemas em todo o Mundo de Salácia. Os polvos estão aflitos! – disse o Rei Polvo.

– Mas o que você quer que eu faça, Polvo? Eles estão famintos! Não é de hoje que os tubarões se alimentam dos polvos. Eles sempre comeram polvos, arraias, peixes e até animais mortos! Você sabe muito bem o quanto eles precisam de comida para sobreviver.

– Sim, eu sei – retrucou o Rei Polvo. – Eu sei que eles precisam de muita energia, porque nunca podem parar de nadar. Se eles fizerem isso, não conseguem respirar e morrem. Mas algo está errado, Tubarão. Os ataques aos



polvos nunca foram tão freqüentes. Está havendo um desequilíbrio! Até minha filha foi atacada!

– Eu já lhe pedi desculpas por Polvina. Pobre menina. Os tubarões confundiram a coroa dela com um polvo de verdade. Porém, não há mais nada que eu possa fazer. Meus servos estão famintos, a comida deles tem se tornado escassa, e você sabe o porquê. Eu não posso deixá-los morrer de fome, e tenho as Leis de Salácia ao meu lado.

– Tem, sim. Mas não esqueça da Lei mais importante. A quinta.

– Caro amigo Polvo... – o Rei Tubarão estava visivelmente irritado. – Pela última vez, eu não estou desrespeitando lei alguma. Acontece que os tubarões estão no topo da cadeia alimentar. Quando ocorre algum desequilíbrio nos outros reinos, eles são os primeiros a sofrer! Agora, se algo ruim acontecer aos tubarões, todos os outros também sofrerão! Não me peça para cessar os ataques aos polvos.

– Eu não estou pedindo isso. Sei que, se o fizer, eles irão se multiplicar sem controle, e então as lagostas e os caranguejos estarão ameaçados. – O Rei Polvo sabia que a situação era delicada: – Mas nós temos que encontrar um equilíbrio, ou todos sofrerão as conseqüências!

– Temo que esta solução não esteja em minhas mãos, Polvo. O desequilíbrio não é culpa minha, nem sua. Os tubarões têm uma função vital para todas as outras espécies. Se, para a sobrevivência do nosso mundo, eles tiverem que continuar devorando os polvos, que assim seja!

As diferenças entre os dois reis eram grandes. O Rei Polvo era conhecido por ser um grande diplomata, sério, educado e sábio. Já o Rei Tubarão havia sido um grande guerreiro antes de ser nomeado rei. Seu estilo era bem diferente, marcado mais pela ação e força do que pela conversa e diplomacia.

Aquela discussão ainda levaria horas... enquanto isso, o sinal batia na Escola do Mar.

5. O Primeiro Dia

Aquilo tudo era um mundo novo para Polvina. Seu pai havia lhe dito que a escola seria como uma segunda casa. Bom, talvez até viesse a ser, mas certamente ela não encontraria lá um segundo pai ou uma segunda mãe, pelo menos assim pensava. Polvina começava a sentir saudades da família, que aumentaram após ela ouvir os portões da escola serem fechados atrás de si:

– Estér... eu quero a minha mãe... e o meu pai – choramingou para a amiga, olhando para trás e percebendo que não havia mais volta.

– Calma, Polvina... não vá chorar. Olha só que parquinho bonito tem aqui! – Estér era um pouco mais controlada que a amiga e tentava apoiá-la.

O parquinho ficava na parte da frente da escola e era repleto de brinquedos. Era cercado por uma grade baixa e, lá dentro, havia um castelo em miniatura, onde era possível entrar e brincar de esconde-esconde com os alunos ou mesmo com alguns simpáticos peixes-leão, peixes-palhaço e até moréias que viviam por lá.

Quem gostava de escalada também tinha como se divertir: havia uma grande parede com várias conchas grudadas, por onde se podia chegar até o topo.

Outro brinquedo que parecia divertido era uma grande concha, que se abria de tempos em tempos, jogando quem estivesse em cima dela para o alto. Tudo isso com a vantagem de morar no fundo do mar: lá a gravidade era mais fraca, por isso, ninguém se preocupava em cair de grandes alturas e se machucar seriamente. Um arranhãozinho aqui ou ali eram comuns, mas ge-

ralmente provocados por raspões em pedras. O único problema era alguém se cortar em corais que, apesar de nem sempre serem venenosos, podem machucar bastante, pois possuem muitas bactérias dentro de si.

Havia também um escorregador, formado por uma grande esponja do mar, uma piscina de bolinhas feita com lindas pérolas, gangorras e balanços. Tudo isso, sobre uma areia macia e fofa, e muitas algas marinhas, que formavam um elegante tapete verde.

Logo depois, elas passaram por um corredor, onde de um lado havia várias portas, como a sala do diretor, dos professores, e algumas que elas não sabiam identificar. Do outro lado, havia uma quadra esportiva, com uma grande arquibancada. Vinha então o refeitório e o pátio, um largo campo aberto com banquinhos, canteiros de corais e algas e mais alguns brinquedos.

O pátio dava acesso a vários outros lugares e corredores, que ainda levariam algumas semanas para serem conhecidos pelos alunos. Entre os lugares de destaque, estava uma grande biblioteca, com livros, fotos, revistas e computadores com todas as informações disponíveis sobre os animais marinhos. O material havia sido doado pelas famílias reais, e o uso era livre para todos. Havia também um rico laboratório, onde se fazia todo tipo de experiência.

Geralmente o acesso às salas era liberado, porém, uma delas era envidraçada e não era possível entrar lá: parecia uma espécie de aquário, um dos poucos lugares no Mundo de Salácia onde os peixes e animais ficavam presos.

– O que é isso? – perguntou Polvina. – Onde já se viu prender os peixes em caixas de vidro desse jeito? Eles devem estar agoniados, coitados!

– Você não conhece esses peixes, Polvina? – indagou Estér.

– Não... nunca vi nenhum.

– É porque eles estão em perigo de extinção. Existem poucos vivos de cada espécie, eles estão aqui para proteção deles. Veja ali, o mero, um dos maiores peixes do mundo. Tem também a baleia jubarte, o meca... todos correm risco de desaparecer!

– Nossa, Estér... que triste! – disse Polvina, olhando com pena um mero, tão grande e tão solitário. – Você vai ver, quando eu crescer, vou dar um jeito de salvar os peixes! – disse bravamente.

– É assim que se fala, prima! – sorriu Estér, ao ver Polvina mais animada.

Como tudo no Mundo de Salácia, a escola era repleta de peixes, nadando livremente por todos os lugares. Era muito comum eles passarem pelos alunos durante todo o percurso, principalmente, peixes-palhaço e dourados que gostavam de viver no fundo do mar, próximos às pedras onde faziam suas casas.

Após o pequeno passeio, a inspetora guiou a turma para onde seria a sala de aula. Estér e Polvina estavam no final da fila, seguidas por Tubarina:

– Ei, será que dá pra ir mais devagar?

– Afe, que menina chata! Ela ficou atrás da gente o tempo todo! – disse Estér.

– É! A gente nem fez nada pra ela! – disse Polvina, indignada. – Ai, tinha que ser dos tubarões, mesmo, viu?

Minutos depois, as meninas estavam na sala de aula. Conforme foram chegando, as crianças escolheram seus lugares. Polvina queria sentar na fileira da frente, mas, quando chegou na sala, já haviam ocupado quase todas as primeiras carteiras, restando só uma vaga.

Ela foi se dirigindo à carteira, quando ouviu uma voz por trás de si, aproximando-se rapidamente:

– Ai, que bom, sobrou uma carteira ali na frente, vou sentar nela! – bradou Tubarina, que passou por Polvina e quase a derrubou no chão. Ela acabou se apossando do lugar, restando a Polvina apenas a segunda carteira. Estér sentou-se logo atrás dela, na terceira.

– Que bom que consegui! – continuou Tubarina, na maior ironia. – Se outra pessoa sentasse, eu teria que esperar até o ano que vem para tentar de novo!

– Ai, não acredito... – Polvina não se conformava.

Estér cochichou no seu ouvido:

– Ai, prima, acho que vamos ter problemas com essa aí... pior que não sobrou nenhum outro lugar pra sentar!

– O jeito é nos contentar com esses lugares... pelo menos por enquanto – suspirou Polvina.

Então, quando as crianças já estavam todas acomodadas, começou aquele zunzunzum, a maioria querendo saber onde estava a professora. Ao olhar para aquela sala, com um quadro-negro na frente, vários armários com livros sobre os animais marinhos, janelas que davam para o jardim de corais e tanta gente falando sem parar, Polvina percebeu que aquele seria um longo dia.

Ela olhava para os outros alunos, imaginando quais viriam a ser seus amigos. Será que alguma das meninas seria tão amiga quanto Estér, em quem ela sempre confiava? Todas pareciam muito simpáticas. Suas coroas exóticas a faziam imaginar a qual reino elas pertenciam. Algumas eram fáceis de perceber, como Léia, das baleias, mas outras, nem tanto, como uma menina com um peixe azul e amarelo na cabeça. Bom, cedo ou tarde ela descobriria.

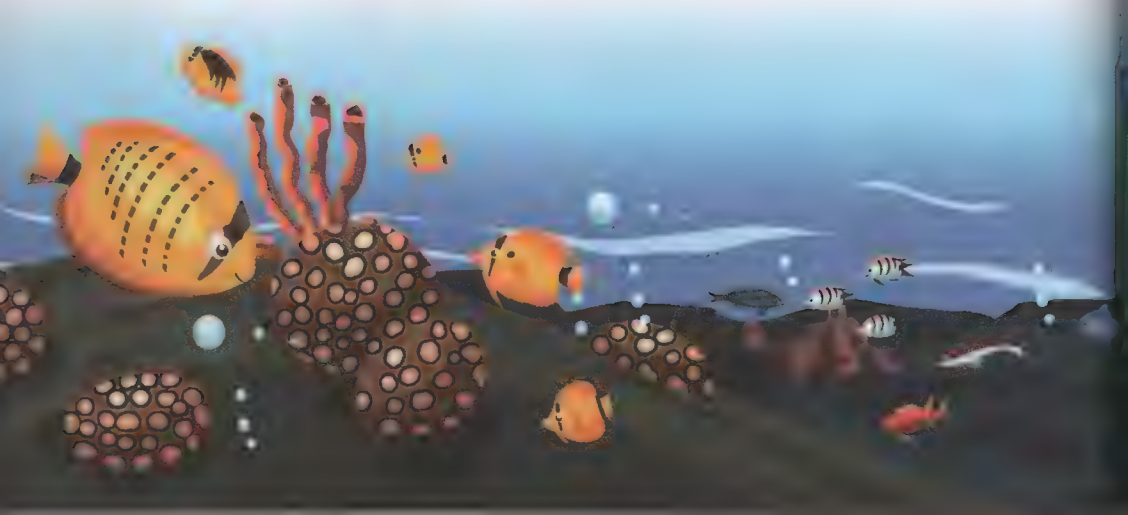
Polvina também observava a beleza particular de cada uma das princesas. Cada qual com um jeito diferente de ser, com suas roupas e coroas. Ela possuía uma certa mania de querer classificar tudo: qual era o peixe mais bonito, qual era o maior e o menor peixe etc. Ao se perguntar qual era a princesa mais bonita da sala, ela ficou na dúvida, pois todas eram lindas.

Havia poucos meninos na classe e Polvina se perguntou o porquê. Segundo Estér, a maioria dos casais de reis e rainhas havia tido meninas. Imaginava-se que esse seria o desejo de Salácia, mas ninguém sabia ao certo os seus motivos.

E quanto àquela menina, sentada à sua frente, que lhe roubara o primeiro lugar da fileira? Além de ter-lhe pregado o maior susto de sua vida e ser extremamente antipática, ela era do Reino dos Tubarões, aqueles bichos malvados que a atacaram tempos atrás.

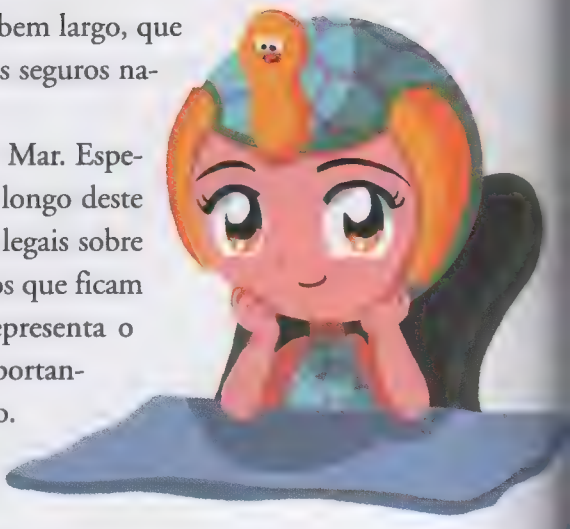
Foi então que entrou na sala uma moça alta e simpática, carregando alguns livros:

– Bom dia, classe. Meu nome é Márcia e eu serei a professora de vocês!



6. A professora Márcia

A professora abriu um sorrisão bem largo, que fez com que todos se sentissem mais seguros naquele primeiro dia de aula.



– Sejam bem-vindos à Escola do Mar. Espero que a gente se dê muito bem ao longo deste ano. Vamos aprender muitas coisas legais sobre o Mundo de Salácia e todos os reinos que ficam dentro dele. Cada um de vocês representa o futuro de uma espécie marinha e, portanto, o futuro de todo o nosso mundo.

Ela realmente parecia ser simpática. Polvina tinha um pouco de medo de que ela fosse brava, mas a primeira impressão sobre a Professora Márcia tinha sido ótima. Então, ela continuou:

– Espero que todos sejamos bons amigos! Agora, gostaria que vocês se apresentassem!

Polvina temia por esse momento, enquanto Estér não via a hora de ele chegar. A primeira porque morria de vergonha de apresentações, a segunda porque estava ansiosa para saber quem eram os alunos e alunas que ela não conhecia.

Então, a primeira aluna da primeira fileira começou:

– Eu sou Tata, Princesa das Tartarugas. Sou do signo de touro, gosto de cavalgar cavalos-marinhos e de esportes radicais, como escalada de recifes, futebolha e aquaboard.

– Eu sou Agostinha, Princesa das Lagostas. Eu sou do signo de câncer, gosto de brincar de boneca e de caça às pérolas! É muito divertido!

– Eu sou Lia, Princesa dos Peixes-Leão. Eu sou do signo de leão, gosto de comer coisas gostosas, brincar de esconde-esconde com os peixes, ir a livrarias e passear com meus pais.

Uma a uma, as princesas iam se apresentando e Polvina sentia vontade de conhecer melhor cada uma delas.

Na "turminha do fundo", ficavam os meninos, em minoria. Mauriço, Príncipe dos Ouriços, era o mais sapeca, o diabinho da turma:

– Oi, eu sou Mauriço, Príncipe dos Ouriços. Não mexam comigo, se não quiserem se machucar nos meus espinhos, hahaha! – debochou ele, enquanto segurava um ouriço nas mãos.

– Tenho certeza de que você não vai precisar usá-los, Mauriço – censurou a Professora Márcia, tirando cuidadosamente o ouriço das mãos do menino.

Caramelo, Príncipe dos Caramujos, era mais calmo e usava um par de óculos que o deixava com cara de inteligente. Já Sirilo, Príncipe dos Siris, era meio atrapalhado, parecia que sua coroa pesava demais em sua cabeça, o que o fazia balançar de um jeito engraçado.

Foi então que chegou a vez de Tubarina se apresentar, o que deixou Polvina nervosa, já que ela seria a próxima:

– Sou Tubarina, Princesa dos Tubarões, e sou do signo de áries! Adoro comer, gosto de ir a restaurantes, lanchonetes e jantares da Família Real! Posso sentir o cheiro de comida a três quilômetros! Defendo com unhas e dentes o meu reino, adoro os tubarões, cuido bem deles e detesto que digam que eles são malvados – finalizou, dando uma indireta para Polvina.

A Princesa virou os olhos para cima e pôs a mão na testa:

– Ai, ai, o que foi que eu fiz pra essa aí?

Então, chegou sua vez. O coração de Polvina bateu mais rápido na hora e ela acabou se confundindo:

– Eu sou... é... a Princesa dos Touros... digo... sou do Signo de Polvo! Não, não! Eu sou Polvina, a Princesa dos Polvos! Eu sou do signo de touro, gosto de dormir, desenhar, assistir desenho e brincar no meu palácio.

Ela sentou rapidamente, morrendo de vergonha, já esperando as risadinhas de toda a sala... o que, na verdade, não ocorreu, exceto por Tubarina, que riu baixinho em sua carteira.

– Não se preocupe, prima, eu também estou nervosa! – disse Estér.

– Não ria de sua amiga, Tubarina – a professora chamou a atenção da princesa. – Estér, é a sua vez.

– Olá, meu nome é Estér! Sou a Princesa das Estrelas-do-Mar. Eu sou do signo de virgem, sou muito falante e alegre! Sou muito curiosa, gosto de ver e saber de tudo, até documentários da TV a cabo!

– Então vamos nos dar muito bem este ano, Estér! – disse Márcia. – Eu também sou muito curiosa e foi isso que me levou a ser professora.

As apresentações continuaram, até que todos os alunos tivessem falado. Então, finalmente começou a aula.

7. O GRANDE SEGREDO

A professora pediu silêncio e a classe prontamente obedeceu. Todos estavam curiosos quanto ao que seria ensinado naquele primeiro dia de aula. Por trás de Polvina, Estér esticava o pescoço para poder ver o máximo possível:

– Calma, Estér, a professora não vai fugir, não! – disse Polvina.

– É que eu não quero perder nenhum detalhe, prima! Eu soube que hoje vamos aprender sobre um importante segredo do nosso mundo! As meninas do segundo ano me falaram, sabe? – respondeu Estér, que mal podia se conter.

– Segredo? Que segredo? – a curiosidade de Polvina também se aguçou.

– Não sei, se soubesse, não seria segredo! Será que a professora vai dizer que vivem alienígenas entre nós, como nos filmes? Ou será que...

– Shhh, ela vai começar! – fez Polvina.

A professora olhou para a classe de forma compenetrada e começou a falar:

– Classe, a aula de hoje é a mais importante de todas. Vocês aprenderão um segredo que só é revelado aos meninos e meninas da primeira série e que marca a entrada de vocês na vida escolar.

Estér cochichou no ouvido de Polvina:

– Já sei, tem alienígenas vivendo entre nós! Eu bem que desconfiava! Será que a Tubarina é uma, hihihi?

– Fica quieta, Estér! – Polvina também estava muito curiosa.

A professora continuou:

– Como vocês sabem, nosso mundo era governado por Salácia. Porém, um dia, começaram a aparecer muitos problemas. Peixes começaram a morrer, suas casas foram destruídas, tartarugas, baleias, tubarões e muitos outros desapareceram. Espécies inteiras foram extintas. A crise se agravava e foi então que Salácia dividiu o seu mundo em vários reinos e nomeou seus mais fiéis servos para governá-los. Todos os reinos têm igual valor, não importa o tamanho. Os camarões podem ser pequeninos, mas eles são tão preciosos quanto as baleias ou as tartarugas. Vocês devem entender que uma espécie não vive sem a outra.

– Mas isso eu já sabia, poxa. Qual é o tal segredo? – Estér não se agüentava mais, e Polvina entrou na dança:

– É, qual é o tal segredo?

Sua voz saiu alta demais e a professora ouviu:

– O segredo, Polvina e Estér... é que...

– Já sei! Os alienígenas vivem entre nós! EU SABIA! Eu vi isso num filme na TV a cabo! Eles vieram dominar nosso mundo, socorro! – gritou Estér, histérica.

A classe inteira se apavorou:

– O quê? Alienígenas? Aaaahh, que medo! – gritavam as meninas.

– Legal! – disse Mauriço.

Ele então fez uma careta para Léia:

– Bruuuu, eu sou um alienígena, eu vim comer seu cérebro, hahaha!

– AAAHH, socorro, Tia Márcia! – se apavorou Léia.

O pânico estava instalado, graças ao comentário de Estér.

– Grande Netuno, o que você fez, Estér? – disse Polvina, ao observar toda aquela confusão.

Tubarina virou para trás e olhou para as duas:

– Ai, tinha que ser, viu?

Polvina já estava irritada com a atitude agressiva de Tubarina e não se conteve:

– Tinha que ser o que, hein?

A professora começava a perder o controle, quando bateu o apagador na mesa. Nada aconteceu, aliás, parece que a bagunça aumentou. Ela bateu novamente, e nada. Então, bateu três vezes e ordenou em voz alta:

– SILÊNCIO!

E não se ouviu um *glub* na sala.

– Aham. Bom, continuando. Classe, o segredo não tem nada a ver com alienígenas vivendo entre nós! Na verdade, o segredo é sobre gente que não vive entre nós. Vive lá fora, acima do nosso céu, acima da água que nos cerca!

– Alienígenas?

– Não, Estér, não são alienígenas! São pessoas que vivem além das nossas fronteiras, acima do nosso reino, no... seco.

A coisa começava a ficar interessante:

– O quê? Como assim? Como pode ter gente vivendo fora d'água? No seco? Que nojo! – comentou Estér.

– Sim, Estér. É verdade. Acima do nosso reino, existe um mundo chamado Terra Firme. Esse nome assusta a muitos que o conhecem, principalmente os peixes. É um lugar onde algumas pessoas se aproveitam de nossos pei-

xes, nossos recifes e corais, para se alimentar ou construir melhorias em suas cidades. Alguns, mais gananciosos, entram aqui com a intenção de matar nossos tubarões e baleias, muitas vezes por puro divertimento.

– O quê? Eles atacam nossos tubarões? – irritou-se Tubarina. – Onde estão esses caras que eu vou...

– Calma, Tubarina. Não é motivo para você se exaltar. Eu sei o quanto você gosta dos tubarões.

A professora continuou:

– O que todos precisamos entender, e que certamente um dia a Terra Firme perceberá, é que todos fazemos parte de algo maior, algo ainda maior que o Mundo de Salácia.

– Maior que o nosso mundo? Como pode? – perguntou Polvina.

– Sim. Na verdade, tanto o Mundo de Salácia quanto a Terra Firme pertencem ao mesmo planeta, chamado Terra. Nosso mundo ocupa duas partes do planeta, o outro, uma.

– Ué, então porque chama "Terra" em vez de "Água"? – indagou Estér.

– Dizem que foram os homens de Terra Firme que o batizaram e eles têm uma certa tendência a querer dominar tudo.

Tubarina novamente se exaltou:

– Ora, e por que a gente não vai lá e mostra pra eles quem é que manda? Eu falo com o meu pai e...

– Tubarina... – respondeu a professora, docilmente. – Chegará um dia em que todas as formas de vida voltarão a viver em harmonia, então, o Mundo de Salácia e Terra Firme farão as pazes e nadarão juntos novamente, em direção ao futuro! Mas, até lá, temos de cumprir a missão que foi designada por Salácia: cuidar do nosso mundo e JAMAIS interferir na Terra Firme. Nossa existência deve permanecer em segredo. Se os homens de lá descobrirem que vivemos aqui, certamente será o nosso fim.

Ela olhava fixamente nos olhos de cada um dos alunos, como se quisesse falar algo que as palavras não conseguem expressar:

– Meninos e meninas. A missão de vocês é muito especial. O futuro do Mundo de Salácia e de Terra Firme está em suas mãos, e depende do que vocês vão fazer a partir de hoje.

– Por quê? Desde quando a Terra Firme é problema nosso? – contestou Tubarina.

– Porque todos somos um só, Tubarina. Talvez a Terra Firme não tenha entendido, mas eu rezo à Deusa Salácia todos os dias para que vocês entendam e possam, finalmente, mudar as coisas nesse mundo que já foi de tanta harmonia.

Ela continuou:

– Jamais se esqueçam: a primeira lição é a mais importante de todas. Por isso, gostaria que guardassem, no caderno e nos seus corações, as Leis de Salácia, que todos devemos seguir:

A professora escreveu na lousa as cinco Leis de Salácia, e pediu que a classe as copiasse:

As Leis de Salácia

1. Jamais se expor ao povo de Terra Firme.
2. Praticar o bem, a boa vontade e a generosidade.
3. Cuidar do seu reino.
4. Cuidar dos outros reinos.
5. Respeitar todos os reinos como um só.

Então, depois que todos haviam copiado em seus cadernos, a Professora Márcia explicou:

– É muito fácil seguir as Leis de Salácia. A primeira diz que jamais devemos revelar nossa existência ao povo de Terra Firme. Salácia prevê que um dia isso vai ocorrer, mas ainda é cedo demais.

E continuou:

– A segunda lei manda que pratiquemos o bem, a todos que estão à nossa volta, conhecidos ou não, salinos ou animais. Sempre haverá alguém menos favorecido do que você, precisando de sua ajuda. A terceira lei é sobre cuidar do reino de cada um. Camarina, por exemplo, deve cuidar dos camarões e seu

bem-estar, não esquecendo todas as outras leis. Entender seus problemas e necessidades, assim como as necessidades do próximo, como por exemplo...

Ela deu uma pequena pausa para avaliar a reação das crianças:

– ... entender todos os peixes que comem os camarões para sobreviver. Essa é a quarta lei. A sobrevivência de todos é baseada na dependência de um no outro. Pois não há como cuidar de si mesmo sem cuidar dos outros seres. E isso é o que resume a quinta lei: tratar o seu reino e o do próximo como se fossem a mesma coisa.

A classe ouvia com atenção. Todos pareciam ter entendido bem o recado, o que deixou a professora satisfeita. Exceto por...

– Professora... não entendi esse negócio da primeira lei... – perguntou Estér, que começava a se interessar demais pela Terra Firme.

8. Confusão no Recreio

A hora do intervalo chegou rápido depois de tantas explicações. Polvina e Estér ficaram fascinadas, e ainda não haviam entendido tudo completamente. Ou melhor, Estér parecia fingir que não:

– Uau, prima... você não ficou com a maior curiosidade de conhecer a Terra Firme? – perguntou Estér, a caminho do pátio, com os olhos brilhando, só de pensar no que acabara de ouvir. – Como será a Terra Firme? Será que tem peixes lá? Reinos, castelos?

– De jeito nenhum, Estér! Você não se lembra da primeira lei? "Jamais se expor ao povo de Terra Firme!" – censurou Polvina, que já conhecia aqueles olhos brilhantes há muito tempo.

– É... eu me lembro sim, tanto que pedi pra professora falar de novo... – Estér olhou para Polvina como se estivesse planejando alguma coisa.

– Ai, Estér, não vai começar, não é? A última vez que você me olhou desse jeito, meu pai teve de ir buscar a gente lá no Reino dos Peixes Abissais.

– Não estou fazendo nada, prima... nada...

Elas continuaram caminhando em direção ao refeitório, um amplo salão decorado com pérolas, corais e conchas. Era sem dúvida um lugar bem aconchegante, com várias mesinhas para quatro pessoas, enfeitadas no centro com uma esponja do mar. Tanto os banquinhos quanto as mesinhas eram feitos de lindas conchas. Nas paredes, havia retratos de animais marinhos, muitos deles doados pelas famílias reais.

A cozinha ficava separada dali, e era lá onde os pratos estavam sendo feitos pelo famoso cozinheiro da escola. Para chegar a ela, bastava entrar por uma porta no centro do salão, próxima ao banheiro.

Em dois cantos do espaçoso refeitório havia máquinas de suco, que as crianças podiam beber à vontade.

Com a conversa, Estér e Polvina acabaram chegando um pouco depois do restante da classe, que já havia ocupado todas as mesinhas, exceto uma, lá no fundo, para onde as duas foram direto.

– Vamos logo, antes que a Tubarina apareça e roube de novo o nosso lugar! – disse Polvina, indo a toda velocidade em direção à mesa.

– Polvina, calma! – disse Estér, já ficando para trás. – Uau, a Polvina é rápida como os polvos!

Ela já ia se aproximando da mesa, faltavam poucos metros, quando, de repente, uma outra porta, no canto oposto à mesa, se abriu. Era o banheiro e Tubarina acabava de sair de lá, ainda enxugando as mãos, quando viu Polvina correndo.

Tubarina olhou para a última mesa vazia e entendeu tudo: saiu correndo a toda velocidade. As duas estavam exatamente à mesma distância quando...

Do meio do salão, abriu-se a porta da cozinha e de lá saiu ninguém menos que o famoso cozinheiro!

– Atencióóón! Tá na horra de matar o fomê! – bradou com sotaque esquisito, segurando em suas mãos uma bandeja que exalava um delicioso cheiro de lasanha de plâncton e...

POU! – tudo veio abaixo, quando Polvina e Tubarina esbarraram no cozinheiro, esparramando comida para todos os lados. A classe começou a rir alto e as duas novamente estavam discutindo:

– Sua tonta! Olha só o que você fez! – bradou Tubarina, com a agressividade de sempre, somada ao calor da lasanha que cobria seu corpo.

– A culpa foi sua! Eu vi a mesa primeiro, não tinha nada que vir roubar o meu lugar de novo! – berrou Polvina, coberta de molho de plâncton e algas.

– Não! Eu vi primeiro!

– Não, eu vi!

– Não!

As duas estavam tão contrariadas que nem perceberam a aproximação da Professora Márcia, que, alertada pelo barulho, veio da sala dos professores:

– Polvina! Tubarina!

– Oh, oh! – finalmente as duas concordaram em algo. A professora estava bem brava.

– Vocês duas estão de castigo! Vão passar o resto do recreio comigo, na sala dos professores, para pensar no que acabaram de fazer.

– O QUÊ??? – choramingou Polvina. – Mas...

– E o que a gente vai comer? Eu tô com fome, sabia? – dizia Tubarina, encarando a professora.

– Você só pensa em comida, menina? – resmungou Polvina.

– Pelo menos eu PENSO, tá? – respondeu Tubarina.

– Chega, meninas! Eu levo o lanche de vocês na sala. Agora, façam o que eu mandei! Já!

Cabisbaixas, e na presença de toda a classe, agora em silêncio, as duas foram se lavar para depois passar o resto do recreio na sala dos professores...

9. Os Faróis de Bolhas

A segunda metade da aula, ao contrário da primeira, custou a passar para Polvina e Tubarina. Ficar de castigo logo no primeiro dia realmente foi um péssimo começo. Para piorar as coisas, a professora ainda havia entregue um bilhete para os pais das meninas assinarem.

Já Estér estava muito curiosa sobre a Terra Firme e continuou fazendo mais perguntas:

– Professora, como a gente faz para ir até a Terra Firme?

– Bom, Estér, isso não é difícil. Praticamente, é só nadar para cima, até chegar aos limites do nosso reino. É lá que começa a Terra Firme. Alguns animais marinhos, como os golfinhos, os tubarões, as baleias, as tartarugas, entre outros, costumam nadar até lá. Infelizmente, eles são constantemente ameaçados por caçadores.

– Poxa... então é só nadar até lá em cima? E para voltar, é só nadar para baixo, certo? – Estér se interessava cada vez mais.

– Mais ou menos. Essa é uma questão que durante muito tempo tentou ser resolvida pelos nossos estudiosos. Alguns peixes, como os tubarões, têm sentidos superdesenvolvidos e conseguem perceber para onde é o norte. Infelizmente, nós salinos não temos essa capacidade. Ao nadar para a fronteira, muitos acabavam se perdendo na hora de voltar, devido às fortes correntes marítimas que os levavam para locais distantes.

Tubarina então virou para trás e mostrou a língua para Polvina:

– Viu só, como os tubarões são os melhores?

– Tubarina, quer levar outro bilhete para casa? – perguntou a professora.

– Ei, eu não fiz nada, tá? – respondeu Tubarina, toda malcriada.

– Ha ha ha, se deu mal... – Polvina mostrou a língua para Tubarina.

– Polvina! – a professora chamou a atenção da Princesa dos Polvos. – Mais uma troca de "gentilezas" e as duas levarão mais um bilhete para casa, ouviram?

Então, elas silenciaram e a professora continuou sua explicação:

– Como eu ia dizendo, também não é possível fazer nenhum tipo de sinalização com placas, pois isso, além de levantar suspeitas, entregaria a nossa localização ao povo de Terra Firme. Então, um grande estudioso chamado B.B. Van Glub teve uma idéia genial: em alguns lugares do Mundo de Salácia, não muitos, para não levantar suspeitas, foram instalados faróis de bolhas, criados para nos ajudar a nos localizar. Esses faróis ficam em locais onde não há muita concentração de peixes, nem correntes marítimas. Eles soltam bolhas 24 horas por dia, que seguem seu rumo até os limites do nosso mundo. Mesmo passando por correntes marítimas, fica fácil seguir o caminho de volta, que sempre sai do mesmo ponto. Entendeu?

– Entendi, professora! Poxa, é genial, não é? E onde ficam esses faróis de bolhas? – ela já sabia quase tudo de que precisava.

– Bom, como eu falei, não tem em todos os reinos. Aqui próximo, só no dos tubarões.

E isso era tudo o que Estér não queria ouvir...

Finalmente, o sinal tocou e o primeiro dia de aula chegava ao fim. Conforme o combinado, o pai de Estér já estava na porta esperando por nossas amigas.

– E aí, meninas, gostaram da escola? – perguntou o Rei das Estrelas-do-Mar.

– Eu adorei, papai. Eu não chorei, nem a Polvina, não é, prima?

– É sim! – sorriu a Princesa dos Polvos.

– Papai, posso ficar na casa da Polvina agora?

– Pode sim, filha. Acho que vocês têm bastante o que conversar depois do primeiro dia de aula, não?

O pai de Estér estava certíssimo...

10. O Plano de Estér

– Estér, não, não e não! Nem vem! – irritou-se Polvina, quando, no palácio dos polvos, Estér veio com a brilhante idéia de nadarem até os limites de seu mundo.

– Por que não, prima? A gente não vai fazer nada demais, não vamos quebrar nenhuma lei. É só a gente não se expor na Terra Firme. Ah, vai, Polvina... a gente só vai ver um pouquinho e depois volta! Não tem nada demais!

– Tem sim, senhora! É perigoso!

– É nada! Você não ouviu o que a professora falou? Os faróis de bolhas ficam em áreas onde não há muita concentração de peixes, nem correntes marítimas!

– É, só que o mais perto daqui é no Reino dos Tubarões! E lá já é perigoso o suficiente!

– Mas prima...

– Mas nada, Estér. Eu não vou com você – Polvina estava decidida a não seguir o plano maluco de Estér.

– Tá bom, prima – conformou-se Estér.

– "Tá bom"? Como assim, "tá bom"? Até parece que você vai parar de teimar comigo. O que foi, está com febre? Bateu a cabeça num coral? – dizia Polvina, colocando a mão na testa da amiga.

– Não, eu estou ótima. Tudo bem, você não precisa ir comigo... eu vou com a Tubarina, mesmo!

– O QUÊ? De jeito nenhum! – Polvina preferia ter de ir até a Terra Firme do que deixar Estér fazer isso com "a chata da Tubarina".

Elas então foram nadando até o Reino dos Tubarões, que era próximo ao dos polvos. Aliás, nadar é a grande especialidade dos salinos, que se movem na água tão facilmente quanto os peixes.

No caminho, Polvina não se conformava com o que estava fazendo, quando o Sr. Molusco passou pelas duas aventureiras:

– Ora, Polvina! Você não ia ficar no seu palácio hoje? Eu pensei que íamos brincar de esconde-esconde! – indagou ele, na língua dos polvos.

– Polvina, fala pra ele que a gente tem que resgatar uma tripulação de alienígenas que caiu no Reino Abissal, senão ele não vai deixar a gente passar! – cochichava Estér no ouvido de Polvina.

– Xiu! – silenciou Polvina. – Sabe o que é, Sr. Molusco... a gente só vai dar uma voltinha, tá bom?

– Como quiser, Polvina! – respondeu o Sr. Molusco, meio desconfiado.

Elas então seguiram caminho, deixando o velho polvo para trás.

– Ai, Estér, agora só faltava essa, eu contando uma grande mentira para o Sr. Molusco, um dos amigos mais antigos da minha família! – reclamou Polvina.

– Eu também não gosto de mentiras, Polvina, mas acho que essa não é uma das grandes... é uma pequenininha! – sorriu Estér, com a maior cara-de-pau.

– Você não tem jeito... – se conformou Polvina, ainda com peso na consciência.

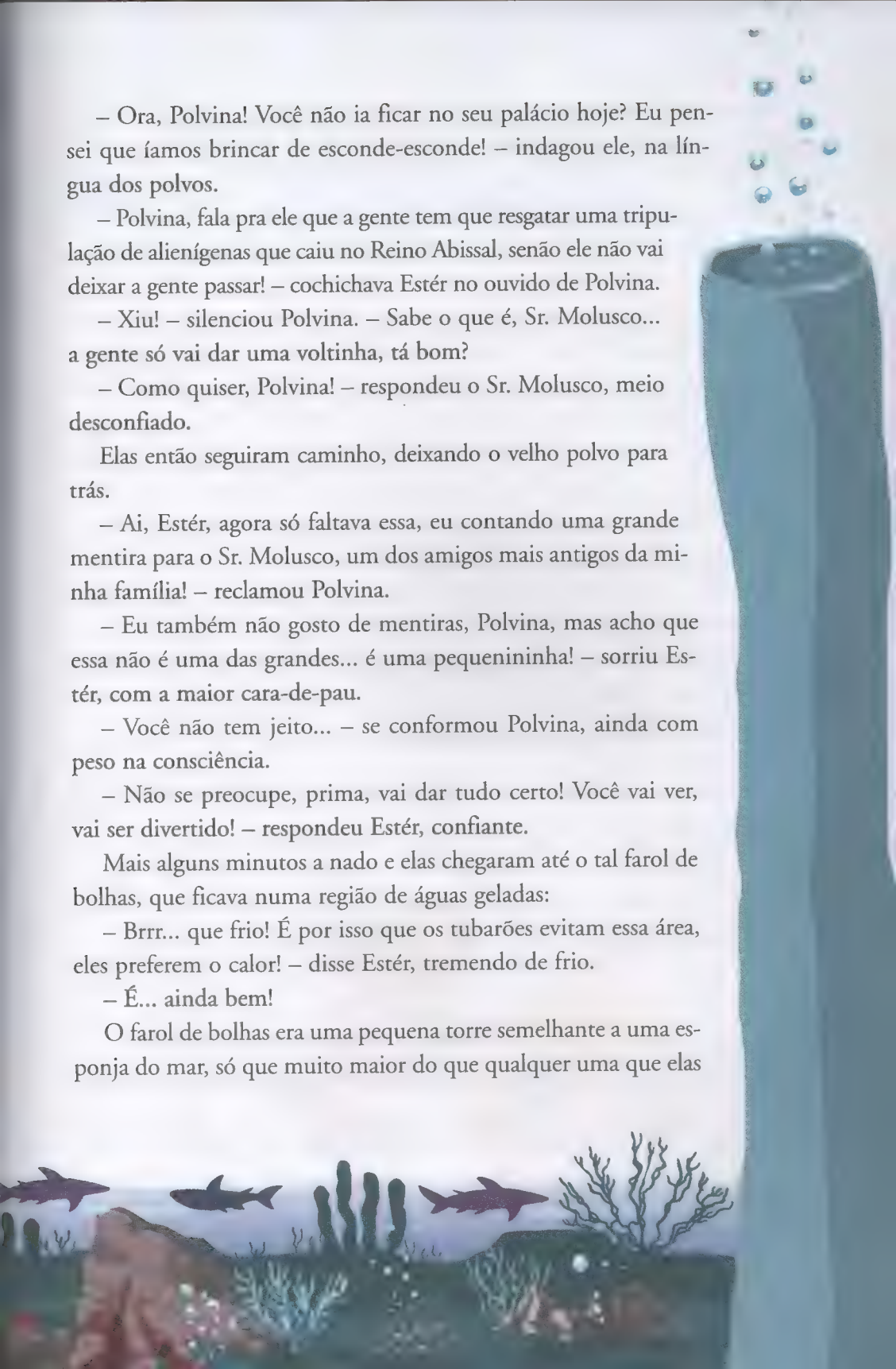
– Não se preocupe, prima, vai dar tudo certo! Você vai ver, vai ser divertido! – respondeu Estér, confiante.

Mais alguns minutos a nado e elas chegaram até o tal farol de bolhas, que ficava numa região de águas geladas:

– Brrr... que frio! É por isso que os tubarões evitam essa área, eles preferem o calor! – disse Estér, tremendo de frio.

– É... ainda bem!

O farol de bolhas era uma pequena torre semelhante a uma esponja do mar, só que muito maior do que qualquer uma que elas



já tinham visto. De seu centro, emergiam milhares de bolhas de ar, que se dirigiam à superfície rapidamente.

– Bom... então, vamos seguir as bolhas? – disse Estér, ao mesmo tempo que pegava impulso e começava a nadar.

– Ei, Estér, me espera, poxa! – reclamou Polvina, que quase foi deixada para trás.

As meninas começaram a subir depressa, ainda mais que as bolhas davam-lhes um impulso extra. Ao subir os diferentes níveis do mar, elas perceberam que o cenário à sua volta mudava: enquanto no fundo existiam mais peixes coloridos, como os peixes-palhaço, os peixes-leão, ou animais como os polvos e lagostas, nas regiões mais próximas à fronteira existiam espécies migratórias, sem residência fixa, como corvinas, marlins e barracudas. A cor da água também mudava, variando de um azul mais escuro para o mais claro por causa da luz do sol, cada vez mais próxima.

As bolhas continuaram a guiá-las para cima, até que finalmente desapareciam na superfície.

– Estamos chegando, Polvina, estamos chegando! As bolhas estão sumindo lá na frente, eu estou vendo uma luz forte, vamos logo! – se empolgava a menina, nadando cada vez mais depressa.

– Calma, Estér! Estér!

A Princesa das Estrelas-do-Mar já não ouvia mais nada, tudo o que ela queria era ver como era a Terra Firme.

Mais alguns metros de apreensão, o coração de Polvina começou a acelerar quando de repente...

"Uáá" foi o som que as duas fizeram ao colocarem a cabeça para fora d'água pela primeira vez na vida. Elas tentavam respirar, mas era uma tarefa bem mais difícil do que dentro d'água.

Era uma sensação muito estranha, de vazio. Em vez de tocados por água, seus rostos estavam envolvidos em algo muito diferente... ar!

– Nossa, prima... que esquisito! – estranhou Estér, tocando seu rosto com os dedos e sentindo a água escorrendo pelo seu cabelo.

– É... é difícil respirar aqui, não é? – respondeu Polvina.

– Sim... você está enxergando tudo embaçado?

– Estou! Parece que eu estou olhando através de um vidro... deve ser porque nossos olhos não foram feitos para ver fora d'água... mas, mesmo assim...

Ela olhou para o céu azul, com algumas nuvens, gaivotas e o sol bem acima delas:

– ... mesmo assim é lindo! Agora, vamos embora, Estér. Já vimos o bastante.

– Não, Polvina! Nossa vista ainda está embaçada, vamos esperar só um pouquinho até ela ficar boa, por favor... vai ser um enorme desperdício a gente ir embora agora!

– Ai... está bem, vai. Só mais alguns minutinhos, tá?

Estér então começou a brincar com a água, empurrando, jogando para cima, boiando. Ela nunca havia visto a água dessa forma. Estér não imaginava que, além das fronteiras de seu mundo, a água escorresse por entre seus dedos e voltasse para baixo.

– Legal, não é, prima? Poxa, aqui é muito lindo! É tão diferente... olha só, lá em cima – disse, apontando para as nuvens que via pela primeira vez na vida –, o que será aquilo? Peixes?

– Acho que sim! Olha ali, tem um polvo também! E uma água-viva! E você viu o sol? Ele é muito mais forte e quentinho aqui em cima, não é? – deslumbrava-se Polvina, enquanto Estér avistava outra coisa.

– Ei, o que é aquilo ali na frente?

Estér apontou para o horizonte, onde uma mancha branca apareceu. Elas não sabiam o que era, pois suas visões ainda estavam embaçadas:

– Não sei, Estér... não dá pra ver direito, é melhor a gente ir embora!

– Não, vamos ver o que é! – a curiosidade de Estér não tinha limites. – Vai que...

Então, algo assustou as duas. Um barulho que nunca haviam ouvido antes, um grito de dor, vindo de baixo d'água.

Foi então que elas finalmente conseguiram enxergar direito e perceberam o tamanho da encrenca em que haviam se metido: estavam próximas a um barco de pesca!

– Estér! Devem ser os caçadores da Terra Firme de quem a professora falou! E... eles pegaram um...

Era difícil reconhecer aquela criatura, que se debatia desesperadamente na água enquanto era puxada pelo barco. Porém, algo era fácil de ver: fileiras e fileiras de dentes em sua boca.

– Um tubarão! – gritou Estér, desesperada.

Do barco, alguém ouviu:

– Ei, o que é aquilo? Pessoal! Tem umas meninas na água!

– O quê? Em alto-mar? Como é possível?

11. SR. DÊNIS

Polvina puxou Estér rapidamente para a água e as duas nadaram para o fundo. No barco, um dos pescadores continuava olhando para onde elas estavam:

– Ali... elas mergulharam! Eu vi, juro!

Um de seus companheiros debochou dele:

– Tá certo, Azevedo. E eu vi uma vaca voando por aqui agora mesmo. Agora venha nos ajudar a puxar, esse é dos grandes! Deve ser um tubarão branco!

Debaixo d'água, Polvina e Estér discutiam o que fazer:

– Estér, eles quase viram a gente! Vamos embora antes que...

– Não, prima! Eles pegaram aquele tubarão! Não podemos deixá-lo aqui, lembre-se da quarta lei: cuidar do reino do próximo!

– Ai, caramba... você está certa, Estér... é nossa responsabilidade ajudar a todos os animais marinhos... mas tinha que ser justo um tubarão? O que a gente faz? – dizia Polvina, tomada pelo medo e pelas lembranças do ataque dos tubarões que sofrera no passado.

– Não sei, prima. Mas precisamos agir rápido. Tá vendo aquela mancha vermelha ali? É sangue! Isso vai atrair mais e mais tubarões!

– Oh-oh...

Polvina pensou por alguns instantes:

– Acho que tive uma idéia! Mas precisamos agir rápido mesmo, você tenta acalmar o tubarão e eu já volto!

– Mas Polvina, eu não sei falar a língua deles!

– Dá um jeito, Estér! Sei lá, faça uma mímica pra ele! Eu volto logo!

Então, Polvina voltou nadando para o fundo, rapidamente, seguindo o rastro das bolhas de ar que marcava o caminho.

– Eu não sei se isso vai dar certo, mas eu preciso tentar. Por favor, Estér, agüente firme! – ela estava apavorada.

Estér ficou sozinha, com aquele problemão à sua frente. Ela respirou fundo, tomou coragem e foi até o tubarão:

– Seu tubarão, acho que o senhor não me entende mas...

Foi então que ela se surpreendeu:

– Por... favor... me... ajude!

– O quê? O senhor fala a língua das Estrelas-do-Mar?

– Uurrgh... falo.... sou.... poliglota... falo muitos idiomas! Por favor, me ajude! Meu nome é... Dênis!

– E eu sou Estér! Calma, Sr. Dênis! A ajuda está a caminho! Por favor, resista o máximo que puder! Eu vou tentar puxá-lo para baixo!

Estér, então, agarrou a enorme cauda com suas pequenas mãos e começou a puxar para o fundo do mar.

– Não está adiantando! Você é muito pesado!

– Por favor, pequena Estér, não desista!

– Eu não vou desistir, Sr. Dênis! Eu não vou! Como está a sua boca?

– Argh.... vou precisar... de um dentista!

No barco, os pescadores ficaram admirados com a resistência do bicho:

– He he he, esse é teimoso! Vamos lá, rapazes! Vamos mostrar pra ele quem é que manda nos sete mares! – bradou o marujo que fisgara o tubarão.

Então, eles começaram a puxar com mais força, o que quase tirou o Sr. Dênis e Estér de dentro d'água:

– Aiê! Sr. Dênis...

– Não desista, Estér! Não desista!

Estér pensou consigo mesma: "Eu preciso salvá-lo! Se não o fizer, eu vou estar desobedecendo a quarta lei! Não posso deixá-lo morrer, não posso! Eu vou puxar com todas as minhas forças e..."

Ela fez o maior esforço de sua vida, puxando a cauda do Sr. Dênis para baixo. Para sua surpresa, o tubarão começou a descer.

– Puxa... uau, eu não sabia que eu era tão forte!

Foi então que ela percebeu dois tentáculos agarrados em sua cintura:

– O quê?

Ela olhou para trás e viu quem estava lá:

– Sr. Molusco! Polvina! Você voltou, eu sabia que você não ia me abandonar! – disse Estér, emocionada.

Polvina sorriu, enquanto falava com o Sr. Molusco:

– Sr. Molusco, eu sei que o senhor tem medo de tubarões, na verdade eu também tenho, mas precisamos ajudar esse aqui! Por isso, vamos fazer força juntos!

Do barco, os pescadores estranharam:

– Nossa, esse bicho tá puxando com muito mais força! O que está acontecendo?

Foi quando um dos marujos olhou para o lado e se assustou ao ver uma enorme barbatana vindo em direção ao tubarão capturado:

– O sangue... está atraindo outros tubarões!

– Não se preocupe, marujo! – disse o capitão. – Tubarões dificilmente atacam barcos. Esse outro que está vindo é o próximo que vai ser fisgado por nós, ha ha ha!

– Mas capitão... olhe! – apontou, para mais cinco barbatanas vindo rápido como mísseis.

– Tem mais! Muito mais!

De dentro d'água, Polvina e Estér viram a mesma coisa que os marujos: dezenas de tubarões brancos se aproximando em alta velocidade, atraídos pelo cheiro de sangue.

– Polvina, o que vamos fazer? Os tubarões devem estar famintos!

– Eu sei, mas nós não podemos sair daqui! Não podemos abandoná-lo! Força, Sr. Molusco! Força!

O Sr. Dênis agonizava de dor, enquanto os tubarões brancos já se encontravam a poucos metros deles.

– Ai minha boca... minha "obtulação"... – resmungava ele.

Então, o que Polvina mais temia aconteceu: um enorme tubarão branco abriu as mandíbulas e veio direto para cima dela e de Estér, que nem por um segundo soltaram o Sr. Dênis.

12. O Ataque dos Tubarões

– Não! Socorro! – gritaram Polvina e Estér, apavoradas.

NHAC!

A mordida poderosa do tubarão poderia esmagar qualquer coisa. Desde uma pequena Princesa do Mar... até o mais resistente cabo de aço!

No barco, os pescadores foram jogados para trás com o impacto, e olharam assustados o cabo, que voltou vazio:

– O que é isso? O tubarão se soltou! O tubarão se soltou! Quem ele pensa que é?

– É isso mesmo, que folgado! Tudo o que a gente queria era vender as barbatanas dele para fazer sopa! A gente está trabalhando, poxa vida!

Com o rompimento do cabo, o Sr. Dênis, Polvina, Estér e o Sr. Molusco foram jogados para trás. Do meio da confusão, uma voz conhecida falou:

– Vocês estão bem?

Polvina e Estér não tinham entendido o que acabara de acontecer, mas o que importava era que o Sr. Dênis estava livre.

– Eu mandei ele romper o cabo e tentar não machucá-las... espero que estejam bem! – disse Tubarina, passando a mão na cabeça do tubarão que aparentemente iria atacar Polvina e Estér.

– TUBARINA! – gritaram as duas, aliviadas. – Você nos salvou! Como chegou até aqui?

– Muito fácil, eu segui as bolhas, como a professora falou! Ou vocês pensam que só vocês queriam ver a Terra Firme?

Por um momento, as meninas esqueceram suas diferenças e riram. Estér já estava cheia de tantas aventuras e falou:

– Vamos embora, Polvina e Tubarina! O Sr. Dênis está a salvo e...

– Não! Tem algo que preciso fazer ainda! Pessoal! – avisou Tubarina.

Ela se virou para os tubarões que a acompanhavam e deu uma ordem, na língua dos tubarões.

– *Graaaar!! Roaaaar!! Deku baba seed!! Ziga ziga POW!*

Estér não tinha entendido nada, então perguntou para o Sr. Dênis:

– O que ela falou?

– Ela disse: "famos" dar a esses palhaços a lição que eles "melecem". Ai, minha boca...

Os tubarões começaram a rodear o barco, fazendo uma dança assustadora. Porém, os valentões pareciam não se intimidar, pois se sentiam muito protegidos dentro do barco.

– Bilu bilu tetéia, vocês não nos pegam! – riram os pescadores. – Nós sabemos que tubarões dificilmente atacam barcos, lá lá lá!

– É, dificilmente, lá lá lá! – gritou outro.

Então, como que respondendo à provocação, um dos tubarões fincou seus poderosos dentes no casco do barco, perfurando-o como se fosse de isopor:

– O quê? Capitão! Eles estão mordendo o casco!

E todos os outros começaram a fazer o mesmo, danificando a embarcação.

Os pescadores começaram a ficar aflitos ao perceberem que o barco afundava vários centímetros a cada mordida:

– Capitão! Socorro! Nós vamos ser devorados vivos, eu quero a minha mãe, buáá á! – chorou o valentão que, minutos atrás, tinha planos parecidos para o Sr. Dênis.

Quando o barco já estava perfurado o suficiente, Tubarina ordenou:

– Já chega, pessoal. Isso deve bastar. Agora eles não vão mais nos incomodar por um bom tempo.

Ao comando de Tubarina, os tubarões pararam o ataque, o que deixou os pescadores aliviados, mas ainda com medo: o casco havia sofrido sérios danos:

– Vamos aproveitar pra dar o fora daqui, pessoal! – gritou o capitão. – Esse barco vai afundar a qualquer momento!

Então, os motores foram ligados e eles rapidamente sumiram no horizonte.

– Sacanagem, pô! A gente só queria fazer uma sopinhaaaa! – choramingavam os marujos.

Colocando a cabeça para fora d'água, as três princesas se despediram do barco e da Terra Firme:

– Uau, hein? – disse Estér, sorrindo. – Já estou pronta pra outra!

– Você ficou louca, Estér? Eu nunca mais quero voltar aqui! Se não fosse a Tubarina... – lembrou Polvina.

Ela olhou para a rival:

– ... eu não sei o que teria acontecido com a gente. Obrigada.

Tubarina sorriu:

– De nada. E se não fosse por vocês, o Sr. Dênis teria virado sopa de barbatana. Até que... vocês são legais.

As três sorriram.

Bem, o dia não havia sido tão ruim assim.

13. De volta ao Reino

Após o salvamento do Sr. Dênis, e de volta ao domínio de Salácia, Polvina, Estér e Tubarina conversavam, sentadas num jardim de corais próximo ao farol de bolhas do Reino dos Tubarões:

– É, foi legal o que fizemos hoje – comentou Polvina. – Engraçado, Tubarina, eu achava que você fosse como os tubarões que me atacaram.

– Ah, é? E o que você acha agora? – perguntou Tubarina.

– Eu não mudei de opinião.

– Ai, ai, vai começar tudo de novo... – disse Estér.

– Ei! O que foi, quer brigar, é? – Tubarina já começava a ficar nervosa novamente.

– Não, não é isso que vocês estão pensando. Eu não mudei de opinião porque agora sei que os tubarões não são malvados como muita gente pensa. Assim como eu pensei que você não fosse uma menina legal.

– É, para falar a verdade, eu também não esperava muito de você e achava que era uma chata. Ainda bem que nós estávamos enganadas, não é?

Estér então abraçou as duas:

– Que bom que tudo acabou bem e agora somos todas amigas, certo?

Então, o Rei Polvo chegou, acompanhado do Rei Tubarão:

– Polvina? O que está fazendo aqui?

– Ah... eu vim acompanhar a Tubarina, papai. Eu ia aproveitar para voltar de carona com você! – disse, abraçando seu querido pai.

O Rei Tubarão perguntou à sua filha:

– Como foi o primeiro dia de aula, Tubarina?

– Nossa, foi demais, papai! Nós fomos até a fronteira do nosso mun-

do! Daí, a Polvina, a Estér e o Sr. Molusco me ajudaram a salvar o Sr. Dênis de uns caçadores da Terra Firme!

Os dois reis ficaram de boca aberta:

– O QUÊ??? De quem foi a idéia maluca de vocês irem até a fronteira?

Estér ia saindo de mansinho, quando foi puxada pelo Rei Polvo, que estava bem bravo:

– Estér! Eu vou ter de contar isso para o seu pai, ouviu? Posso saber o que vocês foram fazer lá?

As meninas contaram, então, a aventura daquele dia, do salvamento do Sr. Dênis e da nova aliança que acabava de nascer entre as famílias reais. O Rei Polvo ficou muito bravo com Polvina e disse que ia castigá-la por ter se arriscado tanto. Então, o Rei Tubarão falou:

– Polvo... não seja tão duro. Veja, eu reconheço que lhes faltou prudência, mas elas não quebraram nenhuma das Leis de Salácia, pelo contrário, cumpriram-nas com vigor. Foram bondosas, cuidaram de seus reinos e do dos outros. Elas acabaram salvando uma vida e, o mais importante: mostraram a mim que os polvos e os tubarões podem viver em harmonia, apesar de todos os estragos que os habitantes de Terra Firme estão fazendo.

Tubarina então perguntou:

– O quê? O que eles estão fazendo, papai?

– Filha... por causa das armadilhas dos pescadores de Terra Firme, a comida dos tubarões está escassa, o que tem feito com que eles ataquem com mais freqüência os polvos. Eu e o Rei Polvo discutimos isso a manhã inteira.

Então, o Rei Tubarão olhou para Polvina e seu pai:

– Polvo, eu achava que o equilíbrio não seria possível. Mas sua filha enfrentou seu medo de tubarões para salvar um dos nossos. Foi, sem dúvida, um ato de grande coragem! Acho que, talvez... possamos tentar fazer algo juntos.

Então, os dois reis se deram as mãos.

– Obrigado, pequena Polvina – disse o Rei Tubarão.

– Estou orgulhoso de você, filha – sorriu o Rei Polvo.

Polvina também sorriu, mas estava morrendo de vergonha:

– Imagina, papai, Sr. Tubarão... eu... não fiz nada, as minhas amigas me ajudaram. Não é, Estér, Tubarina?

– É isso aí! Eu falei, Polvina, eu falei que a gente podia ir que não ia acontecer nada! – já se animava Estér, ao mesmo tempo que se entregava.

– Tudo deu certo porque nós três agimos juntas – sorriu Tubarina.

O Rei Polvo então repensou sua atitude quanto ao castigo de Polvina:

– Filha... há muitas formas de se ensinar alguma coisa. Uma delas é pelo castigo. Outra, pela compaixão, sobre a qual você já nos deu uma bela lição. Portanto, não seria certo que eu a castigasse de uma forma muito...

Estér então começou a comemorar.

– Ha ha ha! Tá vendo só, Polvina? No final a gente se deu bem, lá lá lá!

O Rei Polvo continuou:

– Como eu ia dizendo, não seria certo que eu a castigasse de uma forma muito rígida. Você está com sua mesada suspensa por... apenas dois meses!

– Dois meses? Mas papai... – choramingou Polvina.

– Xi, prima... não faz mal, eu empresto a minha pra você! – cochichou Estér em seu ouvido.

– Quanto a Estér, vou sugerir aos seus pais que suspendam sua mesada por... quatro meses.

– O quê? Nãããão! Como eu vou comprar a revista *Escamas*?

Todos acabaram rindo. Tubarina também recebeu um castigo exemplar: ficaria dois meses sem poder nadar abraçada aos tubarões:

– Poxa, pai, qual é? – já começava a resmungar de novo...

Então, o Rei Tubarão chamou seus mensageiros reais e deu uma ordem:

– Que todo o Reino dos Tubarões saiba da grande história de hoje! Sobre coragem, tolerância, amizade e trabalho em equipe, que essas meninas, tão pequenas, já sabem de cor! Todos temos muito que aprender com elas!

Então, a mensagem percorreu todos os reinos e, no dia seguinte, as três eram grandes celebridades, saindo até na capa da famosa revista *Escamas*, o que deixou todo mundo orgulhoso. Ao chegar à escola, elas já estavam sendo aguardadas. A professora as recebeu com muito carinho, parabenizando-as pelo ato de coragem.

– Meus parabéns, Polvina, Estér e Tubarina. Todos ficamos sabendo da história de ontem. Apesar de eu não aprovar vocês terem se arriscado ao chegar nos limites do nosso reino, eu reconheço que admiro sua coragem e compaixão. Mas há alguém aqui que pode se expressar melhor do que eu... afinal, ele é um poliglota! Pode entrar...

– Sr. Dênis! – gritaram as três, emocionadas.

Então o tubarão entrou na sala, com a mandíbula enfaixada, mas são e salvo:

– Olá, meninas! Eu "fim" "pala" lhes agradecer "pefoalmente"! – disse com dificuldade.

Elas então acolheram aquele velho tubarão, num abraço gostoso e apertado que recebeu mais braços – muitos, diga-se de passagem, do Sr. Molusco, que também tinha ido à Escola do Mar prestar sua homenagem à coragem daquelas três meninas.

Emocionada, Polvina falou para Tubarina e Estér:

– Amigas... depois do que aconteceu, a gente nunca mais vai brigar, não é?

– É isso aí, prima! Vamos ser amigas para sempre!

– É... para sempre... – concluiu Tubarina – é só não pisarem no meu calo!

E esse foi o começo da grande amizade entre Polvina, Estér e Tubarina. Logo, outras princesas – e príncipes também! – se juntaram a elas e o trio virou uma grande turma. Mais e mais aventuras surgiram a cada dia, em histórias emocionantes que vou contar em outra ocasião.

Enquanto esse momento não chega, eu convido você para conhecer de perto o Mundo de Salácia.

Na sua próxima visita à praia, quando tocar a água com seus pés, repare nos peixinhos nadando por baixo das ondas que se desfazem na areia, nas estrelas-do-mar, nos ouriços e nas conchas espalhados pelo chão, e perceba como é tênue a barreira que separa dois mundos tão diferentes. Quanta coisa existe além do que os nossos olhos podem ver. Reis, rainhas, príncipes e princesas...

Infelizmente, acho difícil alguma dessas Princesas do Mar aparecer para você, a não ser que ela seja tão descuidada quanto Estér e Polvina. Olhe no horizonte, quem sabe não acontece?

Mas, o mais importante é que, ao ver a imensidão azul que chamamos de oceano, você se lembre da mensagem de Salácia: que mundos tão diferentes, afinal, são um só.

O AUTOR

Fábio Yabu nasceu próximo ao mar, numa ilha chamada Santos (SP). Nunca gostou muito de água e ia à natação "na marra", obrigado pela sua mãe.

Areia, sol e mar também nunca foram a sua praia, até o dia em que ele conheceu Polvina e descobriu o Mundo de Salácia.

Atualmente, mora em São Paulo. Ele também gosta de escrever, ler, desenhar, ir ao cinema e jogar videogame. Ah, e ele também adora a internet, por isso fez um *site* só para as Princesas do Mar, onde você pode até trocar *e-mails* com ele e dizer o que achou deste livro: o endereço é www.princesasdomar.com.br

Você já deve ter visto o oceano...

Mas não faz idéia das coisas incríveis que acontecem em suas profundezas. Lá existe um mundo incrível, cheio de reinos, castelos, reis, rainhas... e, claro, princesas. Pois agora você irá se divertir com as emocionantes e divertidas peripécias de Polvina, Estér e Tubarina, três princesinhas que resolvem conhecer o nosso mundo. Só que, entre uma onda e outra, elas passam por cada enrascada! Prepare-se para mergulhar nesta fantástica aventura submarina com as PRINCESAS DO MAR, escrito e ilustrado por Fábio Yabu.

ISBN 85-87537-60-1

9 788587 537607

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Nome: ____

Série: ____ Data: ____

Estabelecimento: ____

Um mundo inteiro embaixo d'água e tanto em comum com a gente... Incrível pensar como nossos mundos estão ligados. As princesas do mar aprenderam um bocado de coisas e também ensinaram muito para cada um de nós.

Elaborado por Shirley Souza. Este suplemento é parte integrante do livro *Princesas do Mar*. Não pode ser vendido separadamente. Reprodução proibida. © Panda Books.

Braços, tentáculos, nadadeiras...
O jeito de cada um

1. Cada princesa e cada príncipe com seu reino, suas preferências, suas idéias, seus medos. Será que você consegue dizer de quem estamos falando e completar a cruzadinha?

Ela enfrenta qualquer briga por seu reino. Adora comer e passear pelo mar nas costas de um tubarão.

Ele é um tubarão muito gentil, poliglota e eternamente grato às princesas do mar.

Mesmo com medo de tubarões, ele usou todos os seus tentáculos para salvar a vida de um deles.

Tímida, tranqüila e muito corajosa. Ela enfrentou seu maior medo para salvar um peixe em perigo.

Ele é um regente guerreiro, um homem de ação que aprendeu muito com as princesas do mar.

Foi ela quem revelou o grande segredo de Salácia aos príncipes e princesas do mar.

Curiosa, extrovertida, sempre pronta para uma nova aventura. Adora a revista *Escamas*...

Ele é um regente conhecido por sua capacidade de negociar e dialogar.

2. Na coluna colorida da cruzadinha apareceu uma palavra:

a. Que palavra é essa?

b. Qual a relação dessa palavra com a cena em que as princesas salvam o tubarão?

3. Pensando no jeito de ser das princesas, assinale as alternativas que trazem informações verdadeiras:

- [ ] As princesas têm superpoderes e não temem nada.
- [ ] Mesmo sendo muito corajosas, as princesas também têm seus medos.
- [ ] As princesas só têm medo de apanhar de seus pais.
- [ ] Todas as princesas passam o tempo livre ensaiando para serem grandes rainhas.
- [ ] Elas gostam de coisas simples como ler revista, comer e brincar.
- [ ] Elas são muito obedientes.
- [ ] Tubarina é uma princesa má e cruel.
- [ ] Como qualquer pessoa comum, elas também cometem erros.
- [ ] Tanto Polvina quanto Estér e Tubarina têm um bom coração.

4. Você acha que as princesas parecem meninas de verdade? Por quê?

Princesas em ação!

1. Pensando na aventura de Polvina, Tubarina e Estér, assinale as alternativas corretas:

a. Estér e Polvina:
- Achavam Tubarina uma chata.
- Gostaram de Tubarina desde o primeiro momento.
- Não gostavam de ninguém.

b. As três princesas foram conhecer a Terra Firme:
- Com autorização dos pais.
- Em um passeio da escola.
- Sem que ninguém soubesse.

c. Pensando no resgate do tubarão, é correto dizer:
- Cada macaco no seu galho.
- A união faz a força.
- Quem tudo quer tudo perde.

2. Depois dessa aventura, muita coisa mudou no Mundo de Salácia. Relacione as duas colunas, ligando os personagens às suas descobertas.

Rei Tubarão e Rei Polvo

Polvina

Estér

Tubarina

Estér e Polvina

Aprendeu que não pode fazer tudo o que quer, mesmo que a situação tenha um final feliz.

Reconheceram que Tubarina é uma garota legal e muito corajosa.

Compreendeu que os outros reinos são importantes para os seus e que a união pode salvar vidas.

Descobriu que os tubarões não são cruéis e maus.

Perceberam que pode haver harmonia e amizade entre os reinos.

3. Você acha que as princesas agiram certo em ir à Terra Firme e, depois, em salvarem o senhor Dênis? Por quê?

4. Se você estivesse nas situações abaixo, como agiria?

a. Se descobrisse que há um outro mundo bem no limite de sua cidade, mas que não é permitido ir lá...

b. Se você visse um animal em perigo e tivesse medo dele...

Pra Gente Pensar: Nossos Reinos estão Ligados

1. Conversando com o Rei Polvo, o Rei Tubarão diz: "O desequilíbrio não é culpa minha, nem sua". Ele estava se referindo:

- Ao fato de o Reino das Raias estarem destruindo a comida dos tubarões.
- Ao fato de a Terra Firme destruir o Mundo de Salácia, criando um desequilíbrio ecológico.
- Ao fato de os tubarões serem incontroláveis e estarem atacando todos os outros reinos.

2. Em mais de um momento do livro é dito que nossos mundos são um só, que uma espécie não vive sem a outra... Pensando nisso, observe as atitudes colocadas no quadro abaixo:

Pescar filhotes de peixes.

Jogar lixo no mar.

Tratar os esgotos antes de despejá-los nos rios e mares.

Respeitar os períodos de pesca.

Pescar peixes raros que estão em extinção.

Agora diga:

a. Quais delas são atitudes ecológicas, que podem ajudar o planeta e respeitam o Mundo de Salácia? Por quê?

b. Quais são atitudes antiecológicas, que prejudicam o Mundo de Salácia e todo o planeta? Por quê?

UM MUNDO SÓ SEU!

Já pensou se você estivesse na praia e encontrasse a Estér nadando por ali? O que aconteceria? Será que ela levaria você para conhecer o Mundo de Salácia? Imagine uma história bem legal que nasça desse encontro e escreva a aventura em seu caderno.